

riodo pré-crise?

Marques- A carteira de renda variável teve rentabilidade de 470% entre 2003 e 2007, o que é muito bom. Mesmo com as perdas deste ano, ainda temos 439% de ganho até agosto, que já capta perdas desde maio. O balanço de setembro não está fechado. O desempenho é muito superior à nossa meta atuarial, que foi de 94% no mesmo período.

JC- É hora de ir às compras na bolsa?

Marques- Os preços das empresas brasileiras realmente estão muito baratos, mas temos compromisso não só de longo prazo. Temos de apresentar resultado a cada final de ano e testar o equilíbrio da carteira. O que inibe medidas apenas de olho no futuro. Caso contrário, a decisão de comprar seria quase dada. Mas teríamos de ter mudança de perspectiva dos agentes mais alinhada. Um consenso de que a crise já se amainou e que estaria tendo início um ciclo de recuperação. Se isso se desenhar podemos avaliar as aquisições este ano. Do contrário, não vamos agregar mais volatilidade, o que poderia prejudicar o resultado em 2008.

JC- A aquisição não seria possível para setores com desempenho sustentável? Ou o temor é a queda do crescimento?

Marques- Com certeza 2009 terá ainda dificuldade para retomada do ciclo de crescimento mundial. Será um ano para se ajustar perdas. Mas alguns setores podem ter uma recuperação mais rápida. Nossos analistas estão debruçados sobre isso para que possamos escolher as oportunidades logo que se acalmar a situação.

JC- É possível saber agora quais são eles?

Marques- Alguns são mais imunes no curto prazo, como infra-estrutura. Um investimento nesta área tem perspectiva de retorno em sete até dez anos. Os preços das commodities são uma incógnita. Temos de ver se as cotações não estão caindo com exagero, para depois se acomodarem. Houve especulações em mercados de futuros. Os preços não aumentavam apenas por excesso de demanda. Quando houve essa percepção, o mercado penalizou

os ativos. A tendência normal é de que quando ocorrer reversão, ele vai além do fundamento econômico para depois voltar a um patamar ajustado à oferta e demanda.

JC- Esse movimento é oportunidade para a Funcef?

Marques- Estamos tendo excelentes oportunidades na renda fixa, pois tem investidor vendendo título a qualquer preço. As taxas são ótimas, mais altas do que se comprava em 2005. Muitos papéis passaram de 6% para mais de 9%. Há sentimento mundial de que sair de mercados emergentes é posição conservadora.

JC- Qual o reflexo dessas aquisições nos investimentos?

Marques- Nossa carteira de renda fixa era 60% terceirizada e 40% própria. Hoje as proporções se invertiram, efeito das aquisições recentes. As taxas melhoraram e nós compramos. A renda fixa também é oportunidade, com vantagem de menor volatilidade que a bolsa. Optamos por essa concentração até que se desenhe o ciclo de recuperação da renda variável.

JC- E o pior da crise demorará a passar?

Marques- Acredito que agora esteja ocorrendo uma queda de braço entre governos e mercados. Como não se sabe o tamanho do rombo, o mercado aponta mau humor, numa tentativa de conseguir mais ajuda. Quem paga a conta é a sociedade desses países. Nunca tivemos uma crise como esta. Na de 1929, os mercados não tinham a dimensão atual, com interligação global.

JC- E a compreensão do crédito, como fica?

Marques- O mercado doméstico é muito mais desenvolvido que cinco anos atrás, com aumento da massa salarial e distribuição de renda, que asseguram o crescimento. A poupança interna é maior. Os fundos de pensão representam 18% do PIB, mais de R\$ 400 bilhões. São recursos para investimento no longo prazo e substituem parte do crédito internacional que saiu do País. Aprovamos em outubro um fundo e estamos finalizando nos próximos dias um segundo. Os dois em renda fixa para crédito às companhi-

as nacionais. Cada um deles de R\$ 100 milhões.

JC- Que oportunidades devem surgir daqui para a frente?

Marques- Com crise muitos batem à nossa porta. O mercado sabe que temos capacidade para fazer investimento. Há um ano tínhamos de disputar de forma ferrenha com outros investidores, como os internacionais. A redução de crédito do momento valoriza nossos recursos. Nosso cuidado é em manter a diversificação. Temos de fazer a leitura do pós-crise, que não é fácil. A pulverização diminui a probabilidade de problemas.

JC- O mercado imobiliário é um dos alvos do fundo de pensão?

Marques- Somos o único fundo de pensão que tem anunciado interesse em investimentos imobiliários diretos. As outras grande fundações preferiram passar para instrumentos no mercado de capitais lastreados em imóveis. Temos uma equipe especializada em gestão de investimentos na área e pretendemos mantê-la o mais próximo do que é permitido em lei, de 8% da carteira total. Este ano a previsão é de que o segmento tenha a maior rentabilidade no portfólio, próxima de 18%.

JC- O que assegura esse desempenho?

Marques- Temos a rentabilidade de shoppings, onde somos condôminos, aluguéis de salas, de galpões industriais etc. Nosso foco de investimento está em shoppings, imóveis comerciais de alto padrão, logística (galpões industriais) e hotéis.

JC- Quais os planos da Funcef para o Rio Grande do Sul?

Marques- Na área imobiliária, estudamos participação em shoppings em cidades de médio porte e construção de um hotel e um galpão de logística na Região Metropolitana. Já aprovamos a expansão do Canoas Shopping, no qual temos 68% do capital. Vamos financiar 98% dos recursos da ampliação. Os investimentos totais no Estado podem alcançar R\$ 130 milhões. Também temos participação em duas PCHs, na Serra, via fundo de investimento. Há possibilidade de fazermos parceria com outras empresas no Sul do País, também em PCHs. Talvez elas precisem de sócios agora.